
Sob o olhar dos viajantes: a colônia e o imigrante alemão no Rio Grande do Sul (século XIX)

Under the view of travelers: The colony and the German immigrants in Rio Grande do Sul (nineteenth century)

Caroline von Mühlen*

Resumo: A presença de mecklenburgueses nas colônias alemãs no Rio Grande do Sul gerou controvérsias na historiografia. Os mais “conservadores” admitem que os ex-prisioneiros do Grão-Ducado de Mecklenburg-Schwerin chegaram “antes de 1824”, “estabeleceram-se em Santa Catarina” ou “desapareceram devido à sua conduta imoral”, sem, de fato, analisar o movimento de seus agentes. Cabe destacar que, desde o início do processo de imigração, no século XIX, verifica-se também a produção de estudos acerca da situação do Rio Grande do Sul e das colônias alemãs, via relatos de viajantes. Nesse sentido, a partir de uma análise qualitativa, privilegiamos observar como os imigrantes foram representados na literatura de viajantes, ou seja, pelos relatos e descrição do Rio Grande do Sul e dos alemães por alguém “de fora”, uma vez que o relato dos viajantes é uma importante fonte primária, pois é comumente um relato do cotidiano e das experiências do observador e de uma época.

Abstract: The presence of people from Mecklenburg in German colonies of Rio Grande do Sul has generated controversy in the historiography. The most “conservatives” admit that ex-prisoners of the Grand Duchy of Mecklenburg-Schwerin arrived “before 1824”, “settled in Santa Catarina” or “disappeared due to their immoral conduct”, without really analyzing the movement of agents. It is noteworthy that since the beginning of immigration process, in nineteenth century, we also find studies on the situation of Rio Grande do Sul and German colonies, through travelers reports. Accordingly, through a qualitative analysis, we focused to see how immigrants were represented in the literature of travelers. Namely, through the description of Rio Grande do Sul and Germans by someone “outside”, since the report of travelers is an important primary source because it is often a report of daily experiences of observer and the report of a time.

* Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). E-mail: carolinevm7@hotmail.com

Palavras-chave: Literatura de viajantes. Ex-prisioneiros do Grão-Ducado de Mecklenburg-Schwerin. Cotidiano.

Keywords: Literature of travelers. Ex-prisoners of the Grand Duchy of Mecklenburg-Schwerin. Daily.

Introdução

Em 1824, o jovem Império brasileiro, recém formado independente, necessitava de colonos e soldados, artesãos para ocupar o vasto território e formar uma guarda pessoal. O Major Von Schaeffer foi incumbido de recrutar emigrantes. Encaminhado primeiramente a Hamburgo, negociou com o Grão-Ducado de Mecklenburg-Schwerin e, em seguida, com Birkenfeld, pertencente ao Ducado de Oldenburgo, hoje Palatinado, para estabelecer contrato e enviar emigrantes para o Brasil.

Sendo assim, com auxílio das fontes do arquivo secreto de Schwerin acerca do recrutamento, analisamos a emigração de apenados do Grão-Ducado de Mecklenburg-Schwerin.¹ Constatamos que Mecklenburg-Schwerin apresentava uma estrutura agrária que produzia pobreza, com predomínio do tipo servidão-da-gleba. A imensa maioria dos apenados era de filhos de pais pobres e, em situação de crise, carestia e transformação na estrutura agrária, milhares se viram obrigados a mendigar, roubar, furtar, terminando por ser recolhidos à Casa de Correção. Analisando o contrato celebrado entre o Conde Von der Osten Sacken e o Major Von Schaeffer, verificamos no §10 a pobreza em que se encontravam os mecklenburgueses.

§ 10. Cada colono adulto do sexo masculino receberá quando de sua partida, por conta da Casa de Trabalho Rural, um enxoval prescrito pelo Major von Schaefer, consistindo de

Um casacão
Um casaco de linho
Duas camisas
Duas calças
Um par de coturnos e
Um boné,

os quais o senhor Major von Schaefer promete fornecer por 10 rixdaler.

Este contrato foi diversas vezes aprovado e assinado por ambas as partes.

Assim dado em *Güstrow*, a 3 de maio de 1824.²



De fato, foi a situação de pobreza que imperou no Estado Alemão no início do século XIX, que levou pessoas à prisão e à emigração. Foi nesse contexto que o Grão-Duque Friedrich Franz de Mecklenburg-Schwerin e o Major Von Schaeffer, representante do Império do Brasil, travaram negociações acerca do recrutamento de apenados para o Brasil. Uma comissão foi organizada com o intuito de concluir as negociações com Von Schaeffer.³

No que tange aos apenados emigrados, percebemos que esse grupo era composto por criados, agricultores, mendigos, caçadores ou soldados, apátridas, isto é, eram a camada mais pobre e excluída da população, que sofreu com o avanço e as transformações provocadas pela industrialização e pelo fim da servidão-da-gleba. Os dados revelam que um número considerável de homens adultos e solteiros aportou no Brasil, confirmando-se nossa hipótese de que o Brasil recrutou, preferencialmente, homens adultos para servir como soldados no Exército Imperial, além de algumas famílias e casais para colonizar o Rio Grande do Sul e desenvolver a pequena propriedade.⁴




A presença de mecklenburgueses nas colônias alemãs no Rio Grande do Sul gerou controvérsias na historiografia. Os mais “conservadores” admitem que os ex-prisioneiros do Grão-Ducado de Mecklenburg-Schwerin chegaram “antes de 1824”, “estabeleceram-se em Santa Catarina” ou “desapareceram devido à sua conduta imoral”, sem, de fato, analisar o movimento de seus agentes. Cabe destacar que, desde o início do processo de imigração, no século XIX, verificamos também a produção de estudos acerca da situação do Rio Grande do Sul e das colônias alemãs, via relatos de viajantes. Nesse sentido, a partir de uma análise qualitativa, objetivamos verificar como os imigrantes foram representados na literatura de viajantes.

Sob o olhar dos viajantes...

“A narrativa de viagem traduz o outro”. (HARTOG, 1999, p. 273)


Privilegiamos, nesta análise, verificar como os imigrantes foram representados na literatura de viajantes, ou seja, pelos relatos e descrição do Rio Grande do Sul e dos alemães por alguém “de fora”. O relato dos






viajantes é uma importante fonte primária, pois é uma apresentação acerca dos imigrantes, da família e do cotidiano e do espaço geográfico, além de servir como propaganda para o europeu “da América enquanto fronteira em expansão”. (CORREA, 2005, p. 228). Igualmente, destaca-se por ser o relato de alguém que viu, sentiu e não do que ouviu dizer, isto é, conforme Leite, são “situações testemunhadas”.⁵ (LEITE apud CORREA, 2005, p. 232).




O que se escreveu nos primeiros séculos da modernidade sobre o Novo Mundo foi o que, em grande parte, se viu com os próprios olhos. Também se escreveu sobre o que se ouviu de terceiros, geralmente de quem viu e mereceu o crédito do narrador. Além de ver, tem-se um complemento à narração por meio de ouvir. Para François Hartog (1999, p. 281), ouvir significa “ter se informado, investigado junto de pessoas que dizem, por terem elas próprias visto ou terem ouvido de outros que viram ou que dizem ter visto etc...” (CORREA, 2005, p. 229-230).



Os viajantes viram, ouviram, sentiram e se informaram acerca de vários aspectos da sociedade da época. De volta ao seu país de origem, a maioria publicou suas impressões e a “descrição da Província do Rio Grande do Sul”, como, por exemplo, Joseph Hörmeyer. Correa, citando Leite, ressalta a importância desse tipo de fonte, pelo fato de o viajante ser alguém de fora e “estar ali de passagem”. O viajante é um observador atento às diferenças, às coisas comuns e, sobretudo, alguém “privilegiado do grupo visitado”, pois seu objetivo é relatar suas percepções acerca do espaço geográfico e de seus (ou não) conterrâneos. No entanto, pondera que para o próprio viajante (narrador-viajante) há a dificuldade ou impossibilidade de expressar e descrever a totalidade de suas experiências ao outro (leitor), visto que o olhar recorre concomitantemente ao diferente e ao familiar, ou seja, deparando-se com o diferente e o estranho, o viajante buscou, indubitavelmente, algum aspecto que remetesse ao familiar. Hartog, nesse sentido, enfatiza que o viajante, ao traduzir a diferença, recorre à “figura cômoda da inversão”, transcrita na alteridade como um “antipróprio”. (CORREA, 2005, p. 229).

Concordamos com Correa (2005) quando enfatiza que,





para os viajantes alemães, a colonização alemã plasmou na paisagem do Brasil meridional uma extensão da *Vaterland*. No exótico brasileiro eles encontraram a sua *Heimat*. E durante suas viagens pelo interior do Sul do Brasil, viram uma Alemanha *no* Brasil e tiveram uma sensação ambígua de algo estranho e familiar ao mesmo tempo. As narrativas desses viajantes também imprimiram imagens na retina de seus leitores. Como guias turísticos, eles informaram sobre paisagens e gentes alhures. Promoveram uma viagem *do* Brasil em que paradoxalmente se apresentava um Brasil alemão ou uma Alemanha brasileira. No que concerne ao teuto-brasileiro, os viajantes fizeram seus leitores alemães verem-se por meio de uma heterologia que, ao fim e ao cabo, mostrava que o próprio chega de alhures, o mesmo vem de longe. (p. 266).

Nos relatos de viajantes, os mesmos deixaram impressas descrições e impressões de um lugar, até então, desconhecido. Nem sempre, encontramos informações específicas acerca dos mecklenburgueses, no entanto, seus textos são importante fonte primária, pois alguns viajantes, como veremos, visitaram as colônias alemãs no Sul do Brasil Meridional.

Aos 17 anos de idade, mais precisamente em 1824, Bösche veio para o Brasil, juntamente com outros imigrantes alemães, “caminhando para um futuro obscuro e incerto” (1929, p. 4-5). Chegando ao Brasil, foi incorporado ao Exército Imperial, tornando-se um soldado do Imperador.

No livro *Quadros alternados: impressões do Brasil de D. Pedro I*, Bösche (1929, p. XI) relata a “paixão e o desgosto, com que falla [sic] dos sucessos aqui ocorridos [sic]”. Compreendendo os anos de 1825 a 1829, sua narrativa destaca majoritariamente as impressões do Brasil de D. Pedro I.

Todavia, como passageiro do navio *Wilhelmine*, no qual viajaram ladrões, assassinos e presidiários, Bösche também faz um relato da travessia e do dia a dia no navio. Durante a travessia, eram constantes os perigos; o autor relata que a bordo do navio *Germânia*, eclodiu uma revolta, sendo oito revoltosos executados e lançados ao mar. Bösche (1929, p. 8) classificou os que com ele viajaram, dizendo que a sua companhia “compunha-se de operários vadios e andrajosos e de vagabundos, estando a maior parte delles bêbedos. [...] Era composta de criminosos do Mecklenburg, que Schaeffer escolhera para cidadãos da sua nova pátria [sic]”. O autor refere-se aos mecklenburgueses como “refugio da sociedade” e como “ralé”.



O linguajar de Bösche, autor de *Quadros alternados: impressões do Brasil de D. Pedro I*, escrito em 1836 e traduzido por Vicente de Souza Queirós, em 1929, se refere aos imigrantes mecklenburgueses com os qualificativos utilizados pela bibliografia produzida no Brasil de Amstad até Aurélio Porto, voltando a Juvêncio Saldanha Lemos.

Diferentemente de Bösche, a primeira viagem de Avé-Lallemant⁶ ao Brasil teve caráter exclusivamente profissional. Já na segunda viagem, em 1855, interessou-se especialmente em conhecer a colônia alemã de São Leopoldo, ou seja, “viajou decerto para aprender, mas também para [...] exibir marcas de seu próprio saber”. (HARTOG apud CORREA, 2005, p. 235). Em 1953, pelo Instituto Nacional do Livro, foi publicada a tradução da obra *Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858*, originalmente publicada em 1859 em Leipzig, na qual o autor relata inúmeras peculiaridades, especialmente acerca das colônias alemãs e dos alemães e seus descendentes. Ainda em Porto Alegre, o autor surpreendeu-se com a “semigermanização” da colônia, fato esse que contribuiu para dirigir-se à colônia alemã de São Leopoldo em 27 de fevereiro. A viagem pelo rio dos Sinos foi tranquila. “São Leopoldo começa na margem do Rio dos Sinos com uma grande praça verde onde desembocam algumas ruas regulares”. (p. ...). Conforme o autor, as casas próximas ao rio ou na rua principal tinham a aparência “de lugar abastado ou mesmo rico”, contudo, tanto a colônia quanto os colonos tinham aspectos aldeãos.

Avé-Lallemant é modesto ao apresentar alguns dados acerca da colônia alemã. No que tange a questões de organização, ou seja, dados da polícia, destaca que entre os 13.346 habitantes, no ano de 1858, ocorreram: um caso de furto, nove ferimentos (1 por 1.260 habitantes), cinco injúrias (1 por 2.269 habitantes) e dois danos (1 por 6.673 habitantes). Quer dizer, essas ocorrências estavam diretamente ligadas à organização da colônia e, majoritariamente, aos “bons compatriotas”.

Parece-me que os nossos bons compatriotas nesta natureza sul-americana livre, onde estão expostos a lutas peculiares contra obstáculos naturais, desenvolvem ainda mais determinação em resolver e em agir. Tiveram os pais de vencer a mata virgem, de arrostar lutas sangrentas com os índios selvagens – os bugres – e de resistir a tropas rebeldes. Por entre dificuldades começaram eles, mas conquistaram o solo e os que na Alemanha eram criados tornaram-se senhores pelo direito do trabalho. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 107).

“A superabundância de homens em todas as profissões da Europa e a certeza de uma vida precária em seu próprio paiz” (BÖSCHE, 1929, p. 3), além da possibilidade de adquirir terras no Brasil e de se tornarem proprietários estimularam vários alemães a optar pela emigração.

No que se refere aos mecklenburgueses, em 2 de abril de 1858, o autor visitou os Sete Povos das Missões, local em que “quase não se poderia falar aqui de população branca em massa, se numerosos alemães de São Leopoldo não tivessem penetrado”. (1980, p. 221). Encontrou um “baixo-alemão” que falava no “dialeto rude” de Mecklenburg-Schwerin. “Tinha, no rosto, algo de selvagem e de desordenado. [...] Seu pai e irmãos moravam na vizinhança; eram todos originários ‘uht datt slott von Mecklenborch’, isto é de Schwerin.” (1980, p. 223). Em torno de 76 pessoas foram enviadas para a colônia alemã de São João das Missões, alguns pereceram, alguns migraram e outros (provavelmente um número insignificante) devem ter permanecido na região; possivelmente o “baixo-alemão” seja um sobrevivente. É importante destacar que o estigma de “ladrão de cavalos”, “assassinos”, “assaltantes”, etc., permaneceu na região, visto que os colonos “mais perigosos” foram obrigados a seguir para as Missões. Nessa região, segundo relato, constantemente ocorriam assassinatos e crimes contra a vida, principalmente por vingança. Nesse sentido, o autor (BÖSCHE, 1929) faz questão de destacar que

O mecklenburguês há longo tempo assassinara um homem, numa briga, com uma faca de magarefe. Com o relatório do Capitão para Cruz Alta, o tribunal mais próximo, a 17 milhas geográficas de São Miguel, foi ele absolvido. Mas o homicídio se estampou de tal modo na cara do homem que não sei ao certo se esse crime foi o último ou o primeiro que cometeu. (p. 223-224).

Não podemos “fechar os olhos” e acreditar que entre os mecklenburgueses não ocorreu tal fato. É lícito encará-lo como consequência de descaso e ineficiência do projeto de colonização. Nesse sentido, Avé-Lallemant noticia que a colônia alemã de São João das Missões, fundada em 1824 por imigrantes alemães, não conquistou êxito em decorrência do descaso das autoridades, contribuindo, pois, para o estado de decadência das Missões.



Como ex-oficial do Imperial Exército Brasileiro, Schlichthorst traz informações acerca dos costumes e das tropas estrangeiras no Brasil, especialmente do Rio de Janeiro. A primeira edição (em alemão) da obra *Rio de Janeiro como é (1824-1826)* uma vez e nunca mais: contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil, foi publicada em Hannover, em 1829, apresentando peculiaridades do Brasil oitocentista.

Ainda em Hamburgo, identificou o trabalho do Major Von Schaeffer como “uma espécie de traficante de carne humana”. (SCHLICHTHORST, 2000, p. 12). Apesar de se tratar de imigrantes alemães, o processo de recrutamento assemelha-se a um “verdadeiro comércio de escravos”, no qual foram recrutados inúmeros emigrantes sob o rótulo de colonos, quando o objetivo específico e a necessidade dizia respeito a trazer soldados. Schlichthorst também relata a *rebelião* ocorrida no navio *Germânia*.⁷ Conforme o autor, na primavera de 1824, o navio partiu do porto de Hamburgo, trazendo para o Brasil colonos e soldados, sobretudo ex-presidiários de Mecklenburg. Devido à longa viagem (cerca de três meses), o alimento e a água diminuíram gradativamente. As inúmeras restrições causaram reclamações por parte dos e descontentamentos nos passageiros. “Assim, houve uma grande revolta no navio”, sendo que “sete pessoas foram condenadas à morte, segundo testemunham as atas. Houve, no entanto, oito fuzilamentos”. (SCHLICHTHORST, 2000, p. 15).⁸ Em relação a esse incidente, o autor Hunsche (1975), pondera que,

durante a travessia, houve muita discussão e, até mesmo, insultos e injúrias, sob o efeito de grandes doses de aguardente. Os soldados queixavam-se da comida, do tratamento demasiado severo e queriam ser livres como os colonos que, tendo eles mesmos pago suas passagens, eram melhor tratados. Numa noite tempestuosa de sexta-feira, encontrando-se o barco no Golfo de Biscaia – era o dia 2 de julho de 1824 – o descontentamento dos soldados tornou-se tão grande que acabou em revolta. A intenção do chefe dos revoltosos, o ex-guarda Rasch, era a de liquidar os dirigentes do barco, jogando-os ao mar para apoderar-se do navio e dirigir-se a um porto espanhol. Mas, graças à vigilância do caçador Bischoff, o motim foi descoberto. Ao verem o seu plano fracassado e os canos de espingardas dirigidos contra eles, os rebeldes começaram a prometer que futuramente se manteriam submissos. Os demais soldados tiraram-lhes os cacetes, e toda classe de facas e armas, e levaram os insurretos para um camarote, onde permaneceram amarrados durante a noite e o dia seguinte. (p. 27-28)⁹








O excerto acima leva-nos a refletir sobre quão difícil foi a travessia do Atlântico. Os revoltosos foram executados. “Seu corpo foi jogado ao mar, experiência que fizeram várias vezes durante a travessia.” (HUNSCHÉ, 1975, p. 158). Muitas pessoas – pai, mãe, filhos – não suportaram as condições insalubres, a miséria, a falta de alimentos e as epidemias que proliferavam entre os imigrantes, levando-os a óbito.

No que se refere ao recrutamento de indivíduos, o autor alerta que o governo de Mecklenburg, ao permitir a emigração, “purifica[ou] a Alemanha”, pois a permanência dos mesmos no seu país de origem constitui “sempre uma perigosa ameaça à sociedade”, portanto, permitiu-se que os prisioneiros optassem livremente por cumprir a pena na terra de origem ou emigrar para o Brasil. (Conforme consta nos autos de recrutamento, essa era a condição oferecida aos apenados.)¹⁰ Destaca, ainda, que os soldados ou colonos, seja por “espontânea vontade ou seduzidos pelos agentes do Governo Imperial Brasileiro”, encontrariam melhores condições de vida na nova pátria.


Schlichthorst permaneceu somente dois anos no Brasil e, durante esse período, relata que os colonos que chegavam ao Rio de Janeiro eram enviados para a colônia alemã de São Leopoldo. Todavia, inúmeros colonos retornaram ao Rio de Janeiro, desiludidos com as promessas e a situação que encontraram. “Haviam feito poucos preparativos para sua recepção que os infelizes se viram obrigados a dormir ao relento durante meses até que lhes dessem as terras onde construir suas choupanas.” (SCHLICHTHORST, 2000, p. 293). Tal situação de abandono é descrita quase unanimemente pelos autores que estudam a temática da imigração. Após alguns anos de permanência no Brasil, o autor ressalta que o teuto-brasileiro tornou-se grosseiro e fingido. Perdeu a lealdade alemã, entretanto, conservou somente a brutalidade, pois, constantemente, estava embriagado, além de ser preguiçoso.

Por seu turno, o relato de viagem do alemão Seidler não se distancia muito do que foi apresentado anteriormente pelos viajantes, como Schlichthorst, Bösche, Avé-Lallemant. No livro *Dez anos no Brasil: eleições sob Dom Pedro I, dissolução do Legislativo, que redundou no destino das tropas estrangeiras e das colônias alemãs no Brasil*, o autor Seidler – viajante que ficou durante dez anos no Brasil – faz uma descrição de como foi sua travessia, seu dia a dia como soldado no Rio de Janeiro, sua vinda para o Rio Grande do Sul como soldado, seu contato com os grupos já estabelecidos, com os alemães, bem como características da região sulina e suas desilusões com a política de imigração. Na sua viagem




ao Rio Grande do Sul, o autor constata que os colonos dessa província eram altos, fortes, bonitos, hospitaleiros, bondosos, quer dizer, de inúmeras virtudes, diferentemente dos soldados “cor amarelo-pálida” do Rio de Janeiro. Na colônia alemã de São Leopoldo, pondera (SEIDLER, 2003) que alguns colonos tiveram sorte e prosperaram, enquanto outras famílias não tiveram a mesma sorte:

Aqui existiam a esse tempo operários alemães, como mercenários, alfaiates e sapateiros, em grande número, e todos prosperavam, pois de bom grado pagava-se a um operário alemão o dobro do que se pagava a um nacional, pois aqueles ainda tinham fama de hábeis e infatigáveis. Infelizmente isso não se conservou sempre assim, porque dentro em breve começaram a faltar ao trabalho para se reunirem com demasiada freqüência nos restaurantes alemães, onde em regra esses ajuntamentos profanos terminavam em pancadaria e por isso decaíram muito no comércio dos brasileiros. (p. 164).



Não somente no Rio Grande do Sul havia alemães briguentos e bêbados. Passando por Santa Catarina, o autor observou que os colonos alemães “figurariam entre os mais abastados”, se o governo tivesse prestado assistência. “Acabando o dinheiro, [os colonos de Santa Catarina] começaram a vender as roupas e não tardou que a maior parte desses infelizes andassem andrajosos, [...] a perambular como espectros e a mendigar pelas ruas da cidade.” (SEIDLER, 2003, p. 164). No relato do viajante Seidler, não há descrição específica acerca dos mecklenburgueses. Somente em alguns momentos faz referência aos ex-presidiários, pois privilegiou falar do colono alemão e da imigração e colonização de modo geral, fazendo comparações, apontando sucessos, desilusões, dificuldades e conflitos.



Até o presente momento, fizemos uma exposição das obras produzidas pelos viajantes Bösche, Avé-Lallemant, Seidler e Schlichtorst para demonstrar a atitude ou a conclusão ambígua em relação à imigração de origem germânica. Por meio de suas narrativas, construíram a imagem dos imigrantes, ora como um grupo trabalhador, harmonioso, coeso, iniciadores do processo de modernização e industrialização da cidade de São Leopoldo, pacíficos e disciplinados, ora como bêbados, briguentos e preguiçosos, isto é, o inverso, o outro, conforme apontou Hartog.

Diferentemente do que foi apresentado pela historiografia clássica (descrito como um povo trabalhador, honesto, coeso), na literatura de



viajantes, observamos que alemães e descendentes são descritos como incapazes de se integrar no meio social receptor, em alguns casos, apegados à pátria de origem, mantendo o idioma alemão, bem como a preservação de alguns costumes e readaptação de outros na nova pátria.

Com exceção do viajante Avé-Lallemant, os demais viajantes emigraram com as mesmas motivações que os demais emigrantes. Bösche, Seidler e Schlichtorst vieram nas primeiras levadas e foram incorporados a batalhões no Rio de Janeiro. Seus relatos podem ser entendidos como expressões de desilusão, desgosto, abandono. Expressões que também se manifestaram inúmeras vezes entre os colonos. Sadler,¹¹ por exemplo, era solteiro e chegou no Rio Grande do Sul, em 15 de dezembro de 1827, proveniente do Rio de Janeiro. “Disgostoso da posição em que se achava” deixou a colônia, em 1828, na companhia de mais dois alemães, “sem que tenha dado sinal de vida”.¹² Pelo ofício de 8 de abril de 1842, direcionado a Manoel Paranhos da Silva Vellozo (Juiz de Direito e Chefe de Polícia desta Província) e ao Coronel Comandante João Daniel Hillebrand, comunicou-se que o alemão Luiz Sadler “foi visto em Montevidéu no ano próximo passado de 1841”.¹³

Por fim, cabe destacar a importância dessas narrativas, uma vez que, a partir do que os viajantes viram, sentiram e escutaram, os historiadores de hoje podem visitar, cruzar e obter informações variadas acerca do imigrante, da colônia, da colonização, dos conflitos e das dificuldades iniciais de adaptação. O caso do alemão Sadler foi apenas um exemplo dos muitos casos de não adaptação e migração de alemães que podem ser citados no contexto da fase pioneira da imigração germânica. Para Witt os conflitos, os desentendimentos e as bebedeiras não eram exclusividade dos mecklenburgueses, mas desdobramentos da ineficiência do projeto de colonização, e do descumprimento das promessas feitas aos emigrantes antes do embarque. No fim de tudo, ao analisar o cotidiano dos imigrantes e de seus descendentes, fica claro que esses somente desejavam ter uma vida melhor e a garantia de seus direitos.

Alguns viajantes retornaram à Europa, mas a grande maioria permaneceu no Brasil. O viajante Schlichtorst foi enfático ao afirmar, já no título de sua obra: “uma vez e nunca mais”, sendo esse o resultado da experiência de uma “vida descuidosa”, entre “tempestades do mar e das paixões, entre perigo e renúncias de toda sorte”, no Brasil imperial.



Notas

¹ Mais informações, veja-se a dissertação de mestrado, na qual analisamos o processo de recrutamento, travessia, perfil e trajetórias dos apenados mecklenburgueses, bem como o contexto social no qual estavam inseridos.

² Fonte: Mecklenburg Geheimes und Haupt-Archiv Schwerin MLHA Schwerin Kabinett I – Sig. 54: Acta, die zweite Abführung von Stock- und Zuchthausgefangenen nach Brasilien betreffend, fl. 7-8. Trad. de Martin Norberto Dreher.

³ Essa Comissão Dirigente da Casa de Trabalho Rural foi formada por um funcionário de Güstrow, um deputado fidalgo e um deputado provincial – Major von Oertzen, Conselheiro da Corte Trotsche, Conde von der Osten-Sacken –, nos anos 1824 e 1825. Ficou a cargo da Comissão Dirigente da Casa de Trabalho Rural de Güstrow e do representante plenipotenciário do Alto Governo Brasileiro, Senhor Major von Schaeffer celebrar um contrato, no qual foram apresentados os benefícios concedidos àqueles prisioneiros que aceitaram voluntariamente “ser colono na agricultura, em um ofício ou uma arte, ou ainda exercer um negócio, ou ser soldado”.

⁴ Em relação ao perfil demográfico dos mecklenburgueses emigrados e para, mais informações, veja-se: “Exclusão, criminalidade e prisão: perfil dos prisioneiros de Mecklenburg-Schwerin”. In: MÜHLEN, Caroline von. *Da exclusão à inclusão social: trajetórias de ex-prisioneiros de Mecklenburg-Schwerin no Rio Grande de São Pedro* Oitocentista. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS/Unisinos, São Leopoldo, 2010.

⁵ Semelhantemente a Leite, para Hartog o viajante é aquele que nomeia e descreve o que viu. Não obstante, “descrever é ver e fazer ver: é dizer o que você viu, tudo o que viu e nada mais do que viu. Mas se você não pode dizer senão o que viu, não pode ver senão o que é dito”. (HARTOG, op. cit., p. 261).

⁶ O viajante alemão Roberto Cristiano Bertoldo Avé-Lallemant nasceu em 1812 e faleceu em 1884, em Lübeck.

⁷ Antes da emigração dos mecklenburgueses, em julho de 1824, no navio *Germânia* que havia partido do porto de Hamburgo, com emigrantes hamburgueses, eclodiu uma revolta. Carlos Henrique Hunsche pondera que entre os passageiros do navio havia um médico hamburguês chamado João Daniel Hillebrand – mais tarde diretor da colônia de São Leopoldo e legalista na Guerra dos Farrapos –, o primeiro pastor evangélico de São Leopoldo, João Jorge Ehlers, além de “um bom número de marginais entre os soldados angariados”. Continua o autor informando que foram estes últimos, acusados de planejar incendiar o barco no momento em que estava ancorado em Glückstadt, no rio Elba, norte de Hamburgo. Alguns autores e viajantes afirmaram que tal incidente deu-se exclusivamente porque o navio *Germânia* transportava marginais – na realidade, havia muitos prisioneiros de Hamburgo. Não podemos precisar, de fato, quais foram os motivos da revolta, mas constatamos em outras deportações: Seidler, passageiro do navio *Carolina*; Bösche, passageiro do navio *Wilhelmine*; Tessmann, passageiro do navio *Georg Friedrich*, somente pequenos delitos e alguns desentendimentos entre os passageiros.

⁸ Schlichthorst cometeu um equívoco quando afirma que os mecklenburgueses estavam a bordo do navio *Germânia*. Ao analisar a documentação do Arquivo Secreto de Schwerin, constatamos que os mecklenburgueses chegaram posteriormente.

⁹ É interessante observar que o Pastor Ehlers não registrou o óbito dos oito imigrantes executados. Tal atitude suscitou alguns questionamentos, que permanecerão lacunas, pois ainda não encontramos as devidas respostas. Por que Ehlers não registrou os óbitos? Qual foi sua intenção ao adotar tal atitude? Objetivou ocultar e esquecer o fato lamentável, assim como ocorreu com os mecklenburgueses no Rio Grande do Sul? Infelizmente não dispomos de fontes capazes de preencher tais espaços.

¹⁰ Conforme o Ofício do Conde von der Osten-Sacken, dirigido ao Ministro de Estado e Gabinete, permitir a emigração de apenas seria importante porque:

“a. é eliminado o embaraço de se encontrar local para o delinquente sem lar que concluiu seu período de castigo – e lhe é possibilitada na emigração não só uma pátria, mas propriedade livre, que alimenta a ele e a sua família.

b. surge a vantagem de poder instalar as casas de correção, agora esvaziadas, de maneira mais adequada em todos os sentidos.

c. sem pensar na economia dos grandes custos provocados pela manutenção de tantos delinquentes.

d. a segurança em geral, obtida pelo afastamento destas pessoas.

Finalmente

e. a alegria proporcionada ao coração do amado príncipe territorial por poder indultar muita pena a todos os criminosos que realmente emigrarem ao Brasil, sem prejuízo para o público.”

Ofício do Conde von der Osten-Sacken dirigido ao Ministro de Estado e Gabinete, 11/10/1824. (Ibid, fl. 2).

¹¹ Em ofício de 20 de abril de 1841, do Palácio do Governo da Cidade de Porto Alegre, direcionado ao Ministro e Secretario do Estado dos Negócios da Justiça, Sr. Paulino José Soares de Souza, procedeu-se o comunicado de que no dia 12 de março do mesmo ano, iniciaram as averiguações acerca da existência e, posterior, desaparecimento do alemão Luiz Sadler.

¹² ANRJ, Série Justiça – Gabinete do Ministro – IJ1574 – Ofícios da Presidência da Província do RGS dirigidos ao Ministério dos Negócios da Justiça – 1840 e 1842.

¹³ ANRJ, Série Justiça – Gabinete do Ministro – IJ1574 – Ofícios da Presidência da Província do RGS dirigidos ao Ministério dos Negócios da Justiça – 1840 e 1842.

Referências

DOCUMENTOS MANUSCRITOS

Arquivo Nacional – Rio de Janeiro/RJ

Série Justiça – Gabinete do Ministro – IJ1574
– Ofícios da Presidência da Província do RGS
dirigidos ao Ministério dos Negócios da Justiça
– 1840 e 1842.

Ofício N° 15, 20.04.1842

Do: PP Saturnino Souza e Oliveira

Para: Paulino José Soares de Souza

Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros (NETb)

1. *Mecklenburg Geheimes und Haupt-Archiv Schwerin MLHA Schwerin Kabinett I – Vol. 3*: Acta, die erste Abführung von Landarbeitshäusern nach Brasilien betreffend;

2. *Mecklenburg Geheimes und Haupt-Archiv Schwerin MLha Schwerin. Kabinet I. Vol. 3^a*: Rückwert: Brasilien, 1824(2), 1825(2), 1826, [1828];

3. *Mecklenburg Geheimes und Haupt-Archiv Schwerin MLha Schwerin Kabinett I – Sig. 54*: Acta, die zweite Abführung von Stock- und Zuchthausgefangenen nach Brasilien betreffend;

4. *Mecklenburg Geheimes und Haupt-Archiv Schwerin – MLha Schwerin. Kabinett I. Acta*, Abführung von Sträflinge und Vagabunden aus Dömitz, Bützow und Güstrow nach Brasilien durch Rittmeister Hanfft, betreffend.

5. *Mecklenburg Geheimes und Haupt-Archiv Schwerin MLha Schwerin Kabinett I*.

REFERÊNCIAS

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

BÖSCHE, Eduardo Theodoro. *Quadros alternados: impressões do Brasil de D. Pedro I*. Trad. de Vicente de Souza Queirós. São Paulo: Typ. da Casa Garraux, 1929.

BRAUBACH, Max. *Von der Französischen Revolution bis zum Wiener Kongreß*. Gebhardt Handbuch der deutschen Geschichte Band 13. München: Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH & Co. KG, 1974.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Narrativas sobre o Brasil alemão ou a Alemanha brasileira: etnicidade e alteridade por meio da literatura de viagem. In: *Anos 90: Revista de Programa de Pós-Graduação*

em História UFRGS/IFCH, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p. 227-269, jan./dez. 2005.

CUNHA, Jorge Luiz da. O Rio Grande do Sul e a colonização alemã entre 1824 e 1830. In: QUEVEDO, Júlio (Org.). *Rio Grande do Sul: quatro séculos de história*. Porto Alegre: M. Livreiro, 1999.

CUNHA, Jorge Luiz da. *Rio Grande do Sul und die Deutsche Kolonisation: eine Beitrag zur Geschichte der deutsch – brasilianischen Auswanderung und der deutschen Siedlung in Südbrasilien zwischen 1824 und 1914*. Santa Cruz do Sul: Edunisc; Gráfica Léo Quatke, 1995.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. (Org.). *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. p. 169-178.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

HÖRMEYER, Joseph. *O Rio Grande do Sul de 1850: descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil meridional*. Porto Alegre: Eduni-SUL, 1986.

HUNSCHÉ, Carlos H. *O biênio 1824/25 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul: Província de São Pedro*. 2. ed. Porto Alegre: A Nação, 1975.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MÜHLEN, Caroline von. *Da exclusão à inclusão social: trajetórias de ex-prisioneiros de Mecklenburg-Schwerin no Rio Grande de São Pedro Oitocentista*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS/Unisinos, São Leopoldo, 2010.

MÜHLEN, Caroline von. “Quem quiser viver mais uma vez feliz deve viajar para o Brasil”. A trajetória dos degredados de Mecklenburg no Rio Grande do Sul. In:

MOSTRA DE PESQUISA DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 6., Porto Alegre, 2008. *Anais...*, Porto Alegre: Corag, 2008. p. 239-258.

SCHÄFER, Georg Anton von. *O Brasil como Império independente: analisado sob aspectos históricos, mercantilísticos e político*. Trad., apres., notas e edição de Arthur Blasio Rambo. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

SCHLICHTHORST, C. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826): uma vez e nunca mais: contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2000.

SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil: eleições sob Dom Pedro I, dissolução do Legislativo, que redundou no destino das tropas estrangeiras e das colônias alemãs no Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2003.

WITT, Marcos Antônio. *Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas, imigração alemã, Rio Grande do Sul, Século XIX*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

Recebido 14 de junho de 2010 e aprovado em 25 de agosto de 2010.